

Journal
1949

290

Problemas da vida paroquial

Um grupo de vinte e cinco sacerdotes da Diocese de Aveiro, tendo à sua frente o ilustre Prelado diocesano, reuniram-se na Curia, de 22 a 24 de Fevereiro passado, para estudar, em equipa, os problemas postos à vida paroquial pelas condições da vida moderna.

Tudo foi encarado, desde a ideia da reunião à sua execução, com a maior simplicidade. Troca de impressões apenas.

Como nasceu a ideia Alguns Párcos mais perspicazes iam notando, com certa angústia, uma acentuada descristianização do povo, não tanto na diminuição da assistência aos actos essenciais do culto, como na mentalidade, na maneira de agir e nos costumes. Sobretudo ia-se perdendo a consciência da gravidade do pecado. E assim se iam introduzindo nas suas paróquias, de vida, até há pouco, profundamente sã, hábitos pecaminosos de certa gravidade, já facilmente admitidos por todos: uso de meios anticoncepcionais, prática do aborto, licenciosidade nos namoros, frequência das tabernas, conversas inconvenientes, e, sobretudo, uma certa mentalidade comunizante...

Os esforços empregados para modificar o ambiente, não davam suficientes resultados. Especialmente desanimadores se apresentavam os efeitos das Missões que não perduravam nem atingiam os que da Igreja andavam afastados.

Estaria irremediavelmente condenado o Pároco moderno a assistir impassível ao devaste do rebanho ou, pelo contrário, haveria alguma coisa a fazer, algum método novo a empregar não só para que se não perdessem mais ovelhas, mas também para reconduzir ao redil as que se desencaminharam?

O exemplo dos Párcos franceses que, desde há anos, se reúnem em congresso para rever a vida paroquial no sentido de a adaptar às exigências dos novos tempos, despertou em alguns o desejo de provocar uma reunião conjunta.

Foi assim que nasceu a reunião da Curia.

As verificações Começou o trabalho, sob a presidência de Sua Excelência Reverendíssima, que logo anunciou não querer ser mais de que um voto no meio dos outros. Esta atitude altamente inteligente do venerando Pastor deu a toda a reunião um cunho de intimidade e de colaboração muito impressionante e proveitosa. Os párcos, na sua maioria ainda novos, tinham necessidade de falar, de desabafar, de apresentar as suas ideias renovadoras. E assim foi. A reunião paro-

quial da Curia n
nhor fazia com

O primei
sua vez, narra
tes, da assistênc
Comunhão soler
paganda materi
vida de fé.

Não exa
tência de um m
tamos em prese
tadoramente a v

O inquer
as ovelhas estav
materialização d
a propaganda e
nismo continua
obreiros da sear
ou menos intact

Verificar
mente bem con
que o respeito
do sentimento
ticantes ainda
meios, esse res
também o ma
odiado. A sua
fosso que se r
grande parte

Na co
entendia a M
sacramentos,
cias moderna
feiçãoamento

A reacção

embora toc
não fosse p
A p

quial da Curia muito se deveria ter assemelhado àquelas divinas reuniões que o Senhor fazia com os seus apóstolos: «Quem dizem para aí que sou eu?».

O primeiro trabalho foi o esboço de um profundo inquérito. Cada um, por sua vez, narrava à assembleia o estado da sua paróquia: percentagem dos praticantes, da assistência à catequese, da perseverança na prática da vida cristã depois da Comunhão solene; ambiente familiar, educação dos filhos, moralidade pública, propaganda materialista, consciência cristã; assistência à Missa, descanso dominical, vida de fé.

Não exageramos se dissermos que este improvisado inquérito revelou a existência de um mal, cuja profundidade ainda quase nenhum tinha compreendido. Estamos em presença de uma gravíssima decadência religiosa que vai minando assustadoramente a vida cristã.

O inquérito estendeu-se, porém, mais ao largo. E não foi difícil verificar que as ovelhas estavam sendo trabalhadas insistentemente por uma vasta campanha de materialização da vida e de comunização das ideias. As facilidades de transportes, a propaganda clandestina, os divertimentos e as sortidas dos apóstolos do comunismo continuavam a espalhar a má semente no campo do Pai comum, enquanto os obreiros da seara dormiam sobre os métodos de apostolado que vinham, pouco mais ou menos intactos, de há mais de um século.

Verificaram os Párocos presentes a pouca eficácia da sua acção. Ordinariamente bem considerados no meio, tidos como pessoas de primeira categoria, sentiam que o respeito de que eram cercados provinha mais das convenções sociais do que do sentimento de serem eles os mediadores do povo junto de Deus. Nos meios praticantes ainda existia um certo respeito pelo Pároco como sacerdote. Nos outros meios, esse respeito não ultrapassava o devido ao homem mais culto da freguesia e também o mais prestável. Nos meios indiferentes ou hostis, o Padre começava a ser odiado. A sua influência era assim nula perante uma grande parte da paróquia. O fosso que se receava viesse a existir um dia entre ele o povo era já evidente numa grande parte das freguesias.

Na continuação do estudo, verificou-se claramente que o povo praticante não entendia a Missa, nem nela tomava autêntica parte; desconhecia o significado dos sacramentos, a pregação não atingia a vida, a catequese não correspondia às exigências modernas. Se havia quem vivesse mais cristãmente, isto é, se se notava um aperfeiçoamento cristão numa elite, o círculo dos fiéis era de cada vez mais reduzido.

A reacção Fácilmente se reconheceu, porém, que não havia motivos para alarme, mas apenas para uma profunda modificação da vida paroquial. O povo, embora tocado pelo vírus materialista e pagão, não estava tão contaminado que já não fosse possível acudir-lhe.

A primeira grande conclusão, porém, dizia respeito ao próprio clero paroquial.

Era necessário que o Pároco tomasse — ele, em primeiro lugar — consciência da sua missão. Não era um funcionário do culto, mas Pastor do rebanho, bom Pastor disposto a dar a vida pelas ovelhas; não era um distribuidor de sacramentos, mas um Pontífice, mediador entre os homens e Deus, santificador do povo eleito do Senhor, pregador da integridade do Evangelho.

O Padre deveria, portanto, adaptar de cada vez mais a sua vida à sua divina missão: orar pelos que não oram ou oram pouco e mal; fazer penitência pelos pecados da paróquia, interceder pela santificação do rebanho, afadigar-se pelas ovelhas perdidas; estudar melhor o Evangelho para o distribuir em migalhas ao povo faminto, conhecer mais perfeitamente as ciências modernas para tomar o comando da cultura popular que o comunismo tenta dirigir; aprofundar os problemas sociais que apaixonam a multidão e que são a grande pedra de escândalo do nosso tempo.

Mas também depressa se reconheceu a incapacidade de o Pároco atender a todas as coisas, por si mesmo, por falta de tempo.

Urgia tomar a direcção dos divertimentos, fundar obras sociais, organizar bibliotecas, ensinar o povo a tomar parte activa na missa e nos sacramentos, sobretudo baptismo e matrimónio, reorganizar a catequese pelos métodos modernos, prender os rapazes e raparigas depois da comunhão solene a uma obra de formação que os captivasse, moralizar os locais de trabalho, vigiar pela aprendizagem, arrancar o povo à taberna e aos bailes licenciosos, fortalecer os laços familiares, numa palavra, renovar a paróquia.

Onde encontrar o tempo para tanto, se devia ele consagrar uma parte importante da sua vida ao estudo e à oração?

Meios novos A conclusão saltava à vista: a Acção Católica. Pois que a Acção Católica é a colaboração dos leigos no Apostolado hierárquico, porque não o há-de ser, em primeiro lugar, do apostolado paroquial?

O sacerdote nada poderá fazer no mundo moderno, nas paróquias do nosso tempo, sem a colaboração sacerdotal dos leigos. O povo cristão é um povo sacerdotal. Porque há-de continuar na ignorância do grande mistério do Corpo Místico de Cristo, da unção sacerdotal que recebeu no Baptismo e da Graça apostólica que lhe foi conferida na Confirmação? Por que há-de continuar na ignorância do apelo veemente que os Santos Padres vêm fazendo com impressionante insistência ao seu labor apostólico? Por que há-de ele continuar a ser assistente passivo da propaganda comunista, quando esta emprega na sua expansão apenas «apóstolos» leigos? Não há-de ser sempre os filhos das trevas mais espertos do que os filhos da luz?

A experiência, onde tem sido feita com seriedade, demonstra bem até que ponto o trabalho apostólico dos leigos é eficaz. O sacerdote não tem entrada nas fábricas, não pode frequentar as tabernas nem os clubes, não acompanha os fiéis nas feiras, nos divertimentos, no exercício da sua profissão. Mas onde não pode ele che-

gar, o leigo ca
realizar apostol

A paró
leigo responsá
em toda a par

Reforma de est

E em
dade material
tização que
to, a pequeni

A Acç
riam, com o
formando. Na
zados sem ga
públicos. Val
gentemente p
à maneira da
nhor Jesus e

Restau
catequistas, c
nidade, vive
ser dialogada
seria renova
vida cristã; i
ficação. (com
E ass
nista e dos
Cristo.

Fazer
inovadora —
Conclusões

letras mais
ficou uma
mesmo esta
Dat
Comissão d
parar um t

gar, o leigo católico, o militante da Acção Católica pode intervir, pode actuar, pode realizar apostolado.

A paróquia dividida em sectores, à frente dos quais se colocará um apóstolo leigo responsável, que agrupará à sua volta colaboradores. E o Pároco estará assim em toda a parte, multiplicará o seu labor, acompanhará as suas ovelhas.

Reforma de estrutura Mas a Acção Católica implica a reforma de estrutura da vida paroquial.

E em primeiro lugar, todos foram unânimes em reconhecer que a mentalidade materialista, que tudo invadia já, só poderia ser vencida por uma nova recristianização que deveria operar à moda do fermento. Era preciso formar esse fermento, a pequenina «comunidade paroquial» dos verdadeiros *fiéis*.

A Acção Católica começaria por pequenos grupos — equipas — que formaríamos, com o Pároco, a autêntica comunidade paroquial. Depois tudo se iria transformando. Na comunidade paroquial ser-se-ia exigente. Deixariam de se fazer baptizados sem garantia, matrimónios pagãos na igreja, enterros religiosos de pecadores públicos. Valorizando a vida cristã, tornando-a centro e luz da paróquia, intransigentemente pura para alumiar, o nome cristão ganharia em prestígio e em sedução, à maneira das primeiras comunidades cristãs que prestigiaram o nome de Nosso Senhor Jesus e O fizeram amar até ao martírio.

Restaurada a comunidade paroquial, ela seria toda fermento: ali estavam os catequistas, os dirigentes das obras, os militantes. O Pároco, alma da pequena comunidade, viveria sobretudo para ela e ela toda para a paróquia. A Missa passaria a ser dialogada em plena consciência do «*nostrum ac vestrum sacrificium*»; o baptismo seria renovado no sentido do grande acontecimento paroquial, início e centro da vida cristã; a comunhão readquiriria o seu antigo significado de sacramento da unificação (*comunhão*) do povo cristão.

E assim se retemperavam as almas para resistir à avalanche do espírito comunista e dos seus dogmas, roubados à escatologia e à vida da comunidade cristã em Cristo.

Fazer da paróquia uma comunidade — pequenina de princípio, para ser renovadora — eis a grande conclusão destes dias de estudo paroquial da Curia.

Conclusões De tudo quanto se disse e se estudou no pequenino cenáculo da Curia — que d'ora avante aparecerá na História da Igreja em Portugal com letras mais brilhantes do que à primeira vista se imagina — de tudo quanto se verificou uma conclusão essencial ficou: os Párocos não estavam preparados, ninguém mesmo estava preparado para semelhante tarefa.

Daí a resolução de se continuar o trabalho tão auspiciosamente iniciado. Uma Comissão de três Párocos foi empossada pelo ilustre Prelado com o encargo de preparar um profundo inquérito às paróquias, para se conhecer com mais profundidade

o verdadeiro estado de cada uma delas. Cada um dos presentes comprometeu-se a fazer as primeiras experiências na sua paróquia e a dar conta de tudo em minucioso relatório à Comissão e ao Prelado. Aprazaram-se reuniões periódicas que iniciassem o trabalho paroquial de equipa. Foi determinado que as conferências eclesásticas mensais se alargassem também ao estudo da vida paroquial e aos métodos modernos de apostolado. Comprometeram-se os Párocos a viver uma vida sacerdotal mais comunitária, a desaburguesar o seu espírito, a rezar o breviário mais em sentido oficial, a consagrar um tempo mais largo ao estudo dos modernos trabalhos da ciência teológica, litúrgica e social.

E a permanecer unidos, para unidos estudarem a transformação que se impõe à vida paroquial.

Para o ano, pensa-se em fazer já um autêntico congresso diocesano, com conhecimento de causa.

Belas perspectivas!

Mais belo, porém, o espectáculo de um Bispo, reunido numa sala com uma quarta parte do seu clero, inclinando-se humildemente todos eles sobre os grandes problemas da hora moderna, trocando impressões sobre as suas dificuldades, estudando como haveriam de ser melhores Pastores do rebanho, como haveriam de copiar melhor o Divino Pastor das nossas almas.

É um fogo novo que se ateia. E que há-de propagar-se, porque nos olhos daqueles sacerdotes faiscava a luz do Espírito Santo. Di-lo a alegria das suas almas, a decisão das suas palavras, o entusiasmo dos seus corações.

Um pouco mais de chama, um apelo mais vibrante, uma voz de comando inflamada, e ei-los prontos para todos os sacrifícios, para todas as renúncias, para todos os martírios.

Os sacerdotes que se reuniram na Curia deixaram-nos a impressão de que a Igreja pode contar integralmente com a sua vida e com o seu sangue.

Não é preciso mais nada, para se afirmar ter nascido ali uma grande esperança.

P.º Abel Varzim

Dez anos de Acção Católica

por MONS. AVELINO GONÇALVES

Este novo livro do autor de «Mestre de Apóstolos» resume magistralmente as iniciativas e actividades desenvolvidas por este providencial movimento de reconquista cristã nestes primeiros dez anos da sua existência.

PREÇO 3\$50

Pelo correio à cobrança acresce a respectiva importância.

Pedidos ao Campo dos Mártires da Pátria, 43 — Lisboa

Mi

V — Também os M

o espaço serem li
que há *Mestres M*

Alguma co

2 — Já diss
o termo *missionol*

3 — Pelas
Perbal, O. M. I.

vez de «*missiolog*

artigos em revista
sobre o assunto e

meros *Me. 1984/*

vez que já outros
caram traduzidos

(11) O Rev.
fico da S. C. de F
Consultor da S. C.
mitatus Supremus
pela França, do «C
É também Directo
cas Africanas», de

O Card. B
lisme): «*Les Miss*

permetts de présen
tion...» E, mais a

a professées en r
pas l'une des gloi

Depois de palavr
to mais. Por isso

ciência das miss
Premières Lection

Studio delle Mis